

O novo Ministro da Educação e Cultura, Professor Pe
dro Paulo Penido, dirigiu, ontem, um chamamento à Nação para -
que o ajude e obrigue a lutar "no grande campo de batalha da
civilização". O apêlo, feito em seu discurso de posse, em Bra
sília, faz referência direta aos operários, a mulher, e à no
va geração. Ao convocar os mestres para essa tarefa, o Minis
tro Pedro Paulo Penido anunciou sua intenção de ouvir suas o
bservações e críticas "em todas partes dêste Brasil", culmi
nando numa conferência em Brasília para modificar a experiên
cia dos educadores brasileiros.

É a seguinte a íntegra do discurso do Ministro Pedro
Paulo Penido:

(segue)

Permiti, senhores, que ora me seja dado encontrar força e inspiração no exemplo de lealdade e profunda obra criadora que se irradiou deste Ministério de Educação e Cultura, de cujas altas iniciativas culturais o Brasil toma consciência para a conquista de sua grandeza definitiva.

O Governo, neste momento decisivo de realizações históricas, integrou-se no sentido construtor da nova política, de que o mandato conferido pelo povo ao Presidente Kubitschek constituiu expressão altamente significativa. Nesta jornada em ritmo vertiginoso, com reflexos de esplendor sobre o futuro da Nacionalidade Brasileira, teve o grande estadista a cooperação leal, eficiente e tenaz do Ministro Clóvis Salgado, justamente em um setor a que Littré chamou "O GRANDE CAMPO DE BATALHA DA CIVILIZAÇÃO".

Sentir-me-ia pequeno e desaparelhado, na minha mineira humildade de homem de província, se não tivesse percebido na honrosa confiança do Sr. Presidente da República - embora se trate de uma investidura por apenas alguns meses - a homenagem à grande e incomparável coletividade dos educadores brasileiros; homenagem que se dirige à Universidade, e não a mim pessoalmente, pois que, antes de tudo, me orgulho de ser homem de equipe. É imensa, pois, a ventura do Reitor da Universidade de Minas Gerais em ser o veículo do tributo do Governo ao magistério de todos os graus e à realidade integradora da instituição da Universidade, que se afirma e avança em todos os recantos da Pátria.

Quero acentuar, e com a maior ênfase possível, o reconhecimento do Governo ao Conselho Nacional da Educação, elaborador da múltipla experiência educacional de Brasil, antena captadora de suas aspirações, juiz equilibrado e equânime dos seus empreendimentos, autêntico Tribunal Superior do Ensino no Brasil.

E assinalo, senhores, com incontido orgulho, a presença, aqui, do Conselho Nacional do Sesi, obra fecunda dos homens de empresa, que faz fulgurar a previdência social como atividade educativa de primeira ordem. É um novo instrumento de uma nova modalidade da educação moderna, revelando, sob a intensa luz das realizações incontestáveis e a fecundidade criadora da filosofia da paz social, mais um esforço convergente para a formação do novo homem brasileiro.

Meu caro Ministro Clóvis Salgado:

Desejo significar a V. Exa. que no prosseguimento da obra aqui lançada se não de empenhar todas as minhas forças e aptidões, a fim de que

o Ministério da Educação não se desmobilize. Este continuará sendo um Ministério operativo, e não contemplativo; um intérprete, e não uma testemunha; um artífice, e não um espectador; um edificador, e não um usuário.

O dinamismo que de contínuo se acrescenta ao impulso já adquirido pelo Ministério da Educação não há de alterar-lhe a estrutura. Em seus dois pólos - educação e cultura - sintetiza êle todo um processo irreversível. A educação aparelha o homem para o desenvolvimento, torna-o senhor das imensas riquezas de seu país privilegiado e outorga-lhe as conquistas e realizações da ciência e da técnica. Educação para o desenvolvimento que rasga estradas, cria indústrias, expande o território, domina o átomo, - constrói Brasília, expressão altiva e generosa de nossa própria grandeza, lança cravada no futuro nosso e da América, monumento e marco de uma época.

O próprio ritmo do desenvolvimento, que realiza em limitados anos um processo que noutras partes constituiu a sedimentação de decênios, senão de séculos, cria tarefas imensas para a cultura, que deve ser a consciência da profundidade e alcance dos próprios feitos desta hora fecunda, que nos transfigura e agiganta como nação. É a tarefa hercúlea de elaborar, exprimir, sintetizar e impulsionar ainda mais alto a frutificação espiritual do progresso material.

Assim, o Ministério da Educação mantém a convocação e mobilização permanente de seus próprios e magníficos recursos funcionais, como órgão da administração pública, e das imensas e poderosas forças da sociedade brasileira, de que é, a um só tempo, intérprete e instrumento. Com o dinamismo, a eficiência, a operosidade do funcionalismo do Ministério da Educação, temos segurança de bom êxito na continuidade de ação, que é o nosso objetivo único e essencial.

Reforçaremos, mais e mais, os elos da íntima cooperação com os homens da empresa, cujo devotamento à causa do ensino abrange um campo - que vai desde a alfabetização, passando pela mão de obra qualificada e detendo-se na formação de técnicos de média e alta especialização, até à comunhão fecunda da Universidade - Indústria. Este esforço comum multiplicou salas de aula, plasmou escolas de artífices para suprirem a indústria automobilística e de construção naval, introduziu as cátedras técnicas nas Universidades, e nos dará, em 1960, a primeira turma de geólogo formado no Brasil. Escusado dizer-vos da significação integradora das tarefas em curso. Elas não se restringem ao formidável impulso urbano de nossa civi-

lização: incidem sobre o campo, ao qual já entram a proporcionar recursos mecânicos, conhecimentos especializados e elevação do nível de cultura - o que há de intensificar-se à base da sólida plataforma industrial; e à agricultura imprimirá um cunho de indústria, dando-lhe plano, coordenação, técnica, organização e previsão. Assim, o previu e concebeu a visão política do Presidente Juscelino Kubitschek, que, como ele mesmo acaba de afirmar, lega "às administrações vindouras os elementos fundamentais a uma agricultura compatível com as exigências de um país moderno, forçado a produzir em quantidade considerável, dentro dos princípios tecnológicos".

Cabe agora, senhores, especial referência à contribuição tão importante das Forças Armadas à política educacional do País, contribuição definida e consagrada através de nossa própria História. Elemento plasma-dor da nacionalidade e do regime, a parte armada da Nação representou-a - no martírio do Alferes Tiradentes, que anunciou a Independência; na pro-clamação da República, com Deodoro; na sua consolidação, com Floriano; e, nos dias atuais, assegurou a estabilidade do regime constitucional, firmando o império da lei e da continuidade democrática.

A nossa convocação dirige-se, alto e bom som, ao mundo do trabalho, essa força nova da consciência nacional e da realidade social brasileira. Nosso operário é cada vez menos o homem que despense apenas e simplesmente energia física, para ser, cada vez mais, o homem que sabe fazer, porque faz, para que e para quem faz. Não é o pária algemado à máquina, como seu antecessor europeu do século XIX: é o artífice e construtor de uma pátria, um homem novo e sem precedentes, liberto de tôdas as servidões.

Nosso apêlo, ardente de confiança, endereça-se à mulher brasileira, silenciosa edificadora de consciências no recesso dos lares e contingente inestimável de inteligência e capacidade de trabalho chamado às mais relevantes funções em todos os setores de atividade. Mestre e técnica, educadora e especialista, encarnação da lucidez e dignidade de uma nação, tem a mulher brasileira a seu alcance um mundo desdobrado. Para ela, o Brasil - na escola, na fábrica, na tribuna, na função pública, nos postos de comando.

E há vibração de fé e confiança no chamamento à nova geração, - muito particularmente à mocidade estudantil, tão sensível aos problemas - nacionais, tão generosa no seu espírito de sacrifício, tão brasileira no seu impulso idealístico. Para ela existe tôda a estrutura do Ministério da Educação; para ela, presente e futuro da Pátria. Quanto mais estudiosa,

isto é, quanto mais sequiosa de saber, quanto mais impregnada da responsabilidade de saber e conhecer para atuar e servir, tanto mais nos ajudará e obrigará.

Deixei para o fim, intencionalmente - nunca por subestimação - o apêlo aos educadores, aos mestres. Jamais, colegas, nossa missão teve neste país a importância e o alcance que hoje tem. Agora, amigos, não se trata somente de resguardar e cultivar as tradições espirituais e cristãs do nosso magistério. Essa herança preciosa, da qual não abrimos mão, e que vem dos primórdios da formação brasileira, não é passiva e apática: ela nos inspira e impele, no momento em que se nos confia tamanha responsabilidade na formação do homem brasileiro. É de lamentar que muitos não compreendam a grandeza e não alcancem a fecundidade desta hora. Vêem as fábricas, e não vislumbram sequer as escolas que as tornaram possíveis; vêem as cidades e percorrem as estradas, porém não se capacitam do espírito, da cultura, da competência profissional dos seus construtores. A meta final e decisiva - é o homem. Pela primeira vez na história republicana, sob o governo Kubitschek - para honra nossa, que o seguimos e o ajudamos, que trabalhamos e produzimos sob sua orientação e comando - reservaram-se os 10% constitucionais da receita do País ao Ministério da Educação. Eis a prova de que o ensino, o espírito e a cultura não ficaram em pleno secundário, mas foram guindados à relevância que lhe cabe de fato e de direito. Não se trata, no entanto, do homem abstrato, na responsabilidade que nos é confiada. É o homem novo, brasileiro - o novo homem, armado de ciência e técnica, de espírito alevantado e altivo; e aqui enraizado, desta terra o senhor indiscutido e indiscutível. Homem brasileiro, que varreu os complexos da inferioridade e cuja proverbial capacidade de improvisação não é mais do que a capacidade de realizar e criar em ritmos mais rápidos que todos os outros. Desde os grandes feitos esportivos, cujas láureas se concentram no Brasil, até às mais altas conquistas científicas - isolando, no País, o urânio nuclearmente puro, ou, no estrangeiro impondo a nossa inteligência mediante figuras jovens de nossa terra.

Espelho desta nossa grandeza é esta Capital, obra-prima da vontade, coragem e decisão nacionais. Ela já nasceu das mãos criadoras dos brasileiros. Daqui olhamos o mundo confiantes. Nossos arquitetos e urbanistas, universalmente famosos, nossos operários e técnicos, senhores de ritmos de trabalho que emocionam e surpreendem as velhas civilizações, criaram este mirante, do qual vemos e conhecemos o que vamos criar e conquistar para o Brasil e para as gerações de amanhã.

Na raiz de tão insigne façanha, em que se integram e unificam indissolúvelmente épocas e culturas - o Norte e o Sul, o Litoral e o Interior - num mesmo e potente Brasil, subjaz o trabalho anônimo e pouco valorizado dos mestres. Ninguém melhor do que os professores de todos os recantos pode trazer um depoimento fidedigno e completo acerca dos matizes de estados de espírito locais e regionais, das reações despertadas e das aspirações dos brasileiros em todos os recantos. A síntese da alma nacional está nas mãos dos educadores. Por isso mesmo acalento a idéia de ainda poder reuni-los e ouvir suas observações, críticas e conselhos, colher-lhes as experiências e os sonhos em tôdas as partes dêste Brasil inexaurível, para culminar com a afluência aqui de seus representantes, como a alma, o sôpro divino no corpo desta Brasília que é a juventude e a maturidade nacional, o presente que audaciosamente moldamos e o futuro que sem desfalecimentos continuamos a construir.

Acalento a esperança de que, pela voz dos mestres, se comprove e proclame que realizamos a educação para o desenvolvimento e o desenvolvimento para a educação.

Essa codificação da experiência dos educadores brasileiros, articulada com as dos educadores dos países irmãos, há de formar o capítulo educacional da Operação Pan-Americana e projetar para o mundo a contribuição dos educadores da América.

A hora é de construir, senhores.